



Pouso de Piracangana, caminho de São Paulo ao Rio.

Tropas e tropeiros no passado bandeirante

ERNANI SILVA BRUNO

Baseada em pesquisa e textos de Maria Aparecida Toschi Lomonaco, foi montada na chamada Casa do Grito, no Parque da Independência, junto ao Museu do Ipiranga — aquela pequena edificação que aparece no quadro de Pedro Américo, agora com suas portas e janelas pintadas de excelente azul caipira — uma exposição evocativa do ciclo do tropeirismo no Brasil que será inaugurada hoje às 16h30, com a presença de Mário Alamie, secretário municipal de Cultura.

Focalizam-se ali o preparo da tropa, as atividades do ferrador, as figuras do tropeiro, dos camaradas e do cozinheiro e a venda, nas proximidades dos ranchos, onde havia todas as mercadorias que pudessem interessar aos viajantes, "de cabeças de alho a livros de missa".

O visitante da exposição poderá conhecer exemplares daqueles equipamentos necessários à organização e ao funcionamento da trope a atividade do tropeiro — o ferro para marcar animais, o suadouro, o ligal, a barrigueira, a cabeçada, o cinorro, o laço, o rebenque, o estribo, a esposa, a cangalha, a bruaca, a caixa de caminho. E os equipamentos que, não sendo privativos dessas atividades, compunham o arsenal de utensílios característicos da época do tropeirismo — a rede, o baú, o corote, o bacamarte, o polvarinho, o guampa, a binga de fuzil.

Talvez nada melhor que as tropas cargueiras — esses "navios do deserto luxuriante da América do Sul", na feliz imagem do viajante inglês Richard F. Burton — para nos transmitir as dimensões, as cores e o clima do que foi, no fim do período colonial e em boa parte do século passado, a vida econômica e até certo ponto a vida social do Brasil.

Escreveu Afonso Arinos que os vocábulos almocreve e recoveiro, usados em Portugal para significar o alugador e o condutor de bestas de carga, não servem para retratar a figura do nosso tropeiro, modelado por circunstâncias que se impunham entre as áreas povoadas do Brasil e a inexistência de algo que se assemelhasse a estradas de rodagem.

O tropeirismo foi sistema de transporte que se delineou, com todos os seus atributos mais ortodoxos, no século dezoito — pela altura de sua quarta década — quando se iniciou a importação regular de muares, do Rio Grande do Sul e das regiões platinas, através da feira de Sorocaba, para o centro-Sul do Brasil. Por isso, os viajantes da primeira metade do século passado puderam surpreender a tropa cargueira, no Brasil, no climax de seu vigor como tipo de transporte dominante e quase exclusivo, ao longo dos roteiros terrestres.

Deve-se destacar, de outra parte, sua enorme significação histórica como fator de mudança social no centro-sul brasileiro e notadamente em São Paulo. Sérgio Buarque de Holanda chamou a atenção para a importância das feiras de gado e do tropeirismo na valorização da figura do negociante, mesmo que não fosse negociante de animais. E salientou o elo histórico que essas atividades representaram na fase de transição do bandeirismo para a implantação da grande lavoura: "O tropeiro é o sucessor direto do sertanista e o precursor do grande fazendeiro".

Também não se pode esquecer a influência marcante das feiras de muares — pontos de concentração de vendedores e compradores de animais, donos de tropa e camaradas — no desenvolvimento das pequenas indústrias que, utilizando-se do couro e da prata, se dedicavam à produção de apetrechos de montaria e carga. Nem a impor-



A vida dos tropeiros está em exposição na Casa do Grito.

tância dos primitivos ranchos, pois eles foram às vezes o esboço de futuras povoações e vilas.

Devem ser lembrados aqui alguns autores que focalizaram minuciosamente as antigas feiras de animais (sobretudo a de Sorocaba), a organização e o funcionamento das tropas, os ranchos que equivallam às futuras estações ferroviárias e a própria figura do tropeiro. Um desses autores, F. L. de Abreu Medeiros, surpreendendo ainda o tropeirismo em seu apogeu, no livro "Curiosidades Brasileiras", de 1864. Outros — Aluísio de Almeida, Carlos Borges Schmidt, José Alípio Goulart — fixando, em décadas recentes, a memória e as sobrevivências do grande ciclo de transportes que, nascendo com a mineração do ouro, seria o suporte da indústria do açúcar e da primeira fase da lavoura cafeeira.

A atividade incessante de tropas e tropeiros ao longo dos velhos caminhos e das rudes picadas — que tanto marcou a paisagem brasileira — não poderia deixar de se refletir também em nossa melhor literatura de ficção. Já nas últimas décadas do século passado ela aparece no conto "Juca, o Tropeiro", das "Histórias Brasileiras" do Visconde de Taunay. E no conto "Assombramento", de "Pelo Sertão", de Afonso Arinos, retrato admirável da existência do tropeiro e de coloridas cenas da confusão dos ranchos: "As sobrecargas e os arroschos, os buçais, a penca de ferraduras espalhadas aos montes; o surrão da ferramenta aberto e para fora o martelo, o puxavante e a bigorna; os embornais dependurados; as bruacas abertas e o trem de cozinha em cima de um couro; a fila de cangalhas do suadouro para o ar, à beira do rancho".

Na literatura do começo do século atual o tropeirismo se reflete no romance "Maria Dusá", de Lindolfo Rocha, nos "Contos Gauchescos", de Simões Lopes Neto e notadamente no livro do escritor goiano Hugo Carvalho Ramos, "Tropas e Boiadas", onde o autor reconstitui toda a atmosfera que envolve a existência do tropeiro e descreve, em quadros de muita cor e de muita luz, a cena do desfile dos lotes de uma tropa.

A iniciativa de franquear ao público, em termos didáticos, uma exposição que põe em foco a humilde tralha do tropeirismo, é um bom serviço que São Paulo fica devendo aos órgãos culturais de sua Prefeitura. E a ajuda a ensinar — aos que ainda não sabem — que os objetos caros e sofisticados não devem e não podem monopolizar o espaço dos museus.

A Casa do Grito estará aberta de terça a sexta, das 12 às 17 horas; e sábados e domingos, das 10 às 16h30.